

Educação, escola e ambiente urbano¹

Cleonice de Carvalho Silva*

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Atlas ambiental. Educação ambiental. Ambiente urbano.

Revista *Perspectiva*: É uma satisfação poder entrevistar você, Cleonice, uma professora efetiva da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre com um trabalho tão interessante e reconhecido no campo da Educação Ambiental. Aliás, não era tão comum (hoje, isso mudou um pouco) professores que não ministravam Ciências ou Geografia interessarem-se por Educação Ambiental. O que fez uma Licenciada em Estudos Sociais e História pela PUC/RS adentrar esse campo?

Cleonice: Ao me iniciar no magistério lecionando História, percebi a falta de conhecimento dos alunos sobre o lugar onde viviam. O contexto do ambiente não era levado em consideração. Sempre acreditei que era necessário um conhecimento da região para desenvolver o conteúdo histórico a partir do local. A experiência teve sucesso, e logo a maioria da classe passou a gostar das aulas de História. Realizaram pesquisas sobre a árvore genealógica de suas famílias, compararam e perceberam a importância do contexto ambiental no desenvolvimento das atividades econômicas, sociais e culturais. Nessa perspectiva de trabalho, passei a ter interesse em desenvolver conteúdos históricos levando em consideração o lugar. Mudei o centro de interesses que inicialmente era só histórico e passou a ser mais contextualizado e voltado para a análise das relações humanas com o ambiente físico.

Com um novo olhar sobre a História, comecei a dar aulas de Geografia, devido à falta de professores nesta disciplina. Passei a fazer inúmeros cursos de extensão, nos quais questionava o fato de o currículo dar mais ênfase ao conhecimento de lugares distantes, antes mesmo de conhecer o lugar onde

* Professora na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

se vive. Desenvolvi alguns projetos no Colégio Americano salientando os conhecimentos locais. A cidade de Porto Alegre era o centro dos estudos. Em 1999, a Prefeitura de Porto Alegre fez um convênio com a UFRGS para realizar um curso de formação para professores da Rede Municipal sobre o Atlas Ambiental da cidade. Quando passei a conhecer melhor o Atlas, percebi que era o instrumento que precisava para mudar a prática da Geografia em sala de aula.

Comumente, os alunos não são ensinados a construir a sua territorialidade e, assim, sentem-se excluídos do contexto social. Com a ênfase no conhecimento local, os alunos passam a ser incluídos e a construir sua territorialidade. Os conteúdos estudados em sala de aula passam a ter sentido para eles. A formação sobre o Atlas me trouxe uma nova forma de ver a cidade. Além disso, tive exemplo e orientação do meu pai sobre as problemáticas ambientais, ele participou da Agapam [entidade ambientalista gaúcha] junto com Augusto Carneiro e José Lutzemberg. Participei de algumas reuniões e saídas a campo, ao Morro do Itacolomi, em Taquara. Fotografamos os impactos ambientais, gravamos o canto dos pássaros, etc. As leituras sugeridas por meu pai me incentivaram a seguir os estudos e práticas na área ambiental, um trabalho que desde a infância me encantava.

Tive uma educação voltada para os valores humanos, importante no momento que precisei entender as diferentes realidades das escolas. A Educação Ambiental sempre esteve presente nos meus projetos e práticas pedagógicas, mas tomou proporção maior quando desenvolvi o projeto “Construindo conceitos e valores a partir do Atlas Ambiental de Porto Alegre”. O atlas foi usado de aula como instrumento para construir a territorialidade local. Assim, entrei no campo da Educação Ambiental de forma efetiva.

Revista *Perspectiva*: É muito comum, desde o tempo em que houve uma visibilidade mais densa da Educação Ambiental no cenário social (últimas décadas do século XX), pensar esse campo de estudos e de práticas como relativo àquilo que se vislumbra ser a natureza. O Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU), criado por iniciativa sua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Judith Macedo de Araújo, tem o ambiente urbano como foco. Poderia contar um pouco sobre a história de criação desse laboratório, sobretudo comentando esse foco no ambiente urbano?

Cleonice: Com o desenvolvimento do projeto “Construindo conceitos e valores a partir do Atlas Ambiental de Porto Alegre”, criei dois grupos de Educação Ambiental, um, os Defensores da Vida, na escola particular Colégio Americano, e outro, Amigos do Planeta Verde, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Judith Macedo de Araújo. Nas duas escolas, o Atlas Ambiental de Porto Alegre era utilizado nos estudos geográficos, mas vou comentar sobre a Escola Municipal Judith, já que este projeto continua, e na escola particular em 2003 ele terminou por questões estruturais e econômicas da escola.

Ao estudar o entorno da escola Judith, evidenciaram-se os impactos ambientais causados pela ocupação inadequada, resíduos em lugares impróprios, mau uso dos recursos naturais e desperdício. Percebemos que, vivendo na cidade, precisamos de inteligência e conhecimento para não comprometer a qualidade de vida da atual e das futuras gerações. Com a evolução dos estudos assim direcionados, o interesse pelas aulas de Geografia cresceu, alunos me procuravam em turno inverso para estudarem. Assim, criamos o grupo de Educação Ambiental Amigos do Planeta Verde para atuar na escola e no bairro. A criação deste grupo foi um passo importante na qualificação do projeto.

Como o instrumento de estudo era o Atlas, passei a trocar ideias com o professor Rualdo Menegat (UFRGS), coordenador do Atlas Ambiental, que demonstrou grande interesse pelo trabalho que estávamos desenvolvendo, e resolveu orientar e acompanhar o projeto. Criamos o Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano, para que ali fossem colocados os materiais produzidos nas oficinas e nos estudos realizados pelo grupo Amigos do Planeta Verde, que se reunia em turno inverso na escola. O nome “Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano” surgiu porque foi no local urbano onde teve início a interação dos alunos com o meio ambiente, e para viver em harmonia com este, precisamos de inteligência para solucionar os problemas ambientais decorrentes da urbanização crescente, em especial nos morros de Porto Alegre: uma das escolas localiza-se no Morro da Cruz, local que, apesar de forte degradação ambiental, possui ainda matas nativas, espécies vegetacionais endêmicas e várias nascentes. Local ideal para desenvolver-se um projeto desta natureza.

Revista *Perspectiva*: Como é o trabalho no LIAU no momento atual? Interessa, acredito, aos leitores deste dossiê saber, sobretudo, sobre quais são e como vêm sendo desenvolvidos os projetos no Laboratório e, ainda, sobre quem são os sujeitos que participam efetivamente dele.

Cleonice: O trabalho no LIAU tem se desenvolvido de forma sistemática, formando alunos monitores através de oficinas, palestras, saídas a campo e inúmeras atividades práticas dentro e fora da escola para assim tornarem-se futuramente agentes socioambientais locais. Contamos com a colaboração de vários órgãos responsáveis pela gestão ambiental da cidade, professores e estudantes da UFRGS. Realizamos também atividades lúdicas de Educação Ambiental para os alunos dos anos iniciais, nos quais os monitores passam para seus colegas o que aprendem no LIAU. Atualmente, atendemos a nove turmas de 25 alunos todas as semanas. Quando montamos projetos maiores, envolvemos a escola nos três turnos. Como exemplo de projetos, podemos citar: “Visões da Terra”, “Planetário na escola”, “Os caminhos das águas”, “Teatros de fantoches: os amigos da floresta”, “Uma casa no morro” e “Um acampamento no morro”, entre outros. Em 2010, desenvolvemos um projeto sobre áreas de risco, no qual tivemos a participação da Defesa Civil, Secretaria Municipal do Meio Ambiente-SMAM, *Departamento de Esgotos Pluviais-DEP, Departamento Municipal de Águas e Esgotos-DMAE, UFRGS e vários professores colaboradores para realizarem palestras e oficinas aos monitores do LIAU, pais e alunos da escola nos três turnos. O objetivo foi esclarecer a comunidade para evitarem a ocupação das áreas de risco. Os alunos monitores receberam um certificado de agentes socioambientais locais. O curso teve carga horária de 220 horas.*

No LIAU, realizamos também atividades de monitoria para visitantes de outras escolas, universidades e na formação de professores da Rede Municipal de Porto Alegre e de outras cidades. Os alunos que participam são do turno inverso, que se inscrevem voluntariamente da 4^a a 8^a séries (do 5^o ao 9^o anos). Realizamos com frequência oficinas e saídas a campo com o objetivo de colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Construimos uma mapoteca do bairro, litoteca, pedoteca, uma trilha ecológica urbana, que parte da escola (Morro da Cruz) e vai até o Morro Pelado, passando por locais já urbanizados. O Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano-LIAU, com a parceria da UFRGS, passou a ter a presença dos alunos da universidade nas atividades práticas. Desta forma, o conhecimento acadêmico aproximou-se da escola, onde novas relações de aprendizado e trocas de conhecimentos foram construídas.

Revista *Perspectiva*: Você já apresentou seu trabalho com Educação Ambiental na Feira Universal de Hannover, na Alemanha, em 2000. Poderia nos contar um pouco sobre essa experiência?

Cleonice: O Atlas Ambiental de Porto Alegre, sendo uma obra ímpar, seria exposto na Feira de Hannover por professores da UFRGS, portanto houve interesse em levar uma experiência de Educação Ambiental na qual o Atlas era usado como instrumento na sala de aula, pois mesmo em sua fase inicial já apresentava resultados importantes. Assim, recebi o convite dos coordenadores do Atlas para apresentar o projeto em Hannover. Os alunos estavam motivados de tal forma, que professores perguntavam o que estávamos fazendo, porque não faltavam mais às aulas e muitos ainda vinham todos os dias na escola em turno inverso, para realizarem atividades junto aos alunos menores. Com o passar do tempo, outros professores foram motivados a participar do projeto, que passou a envolver a maior parte da escola. Na disciplina de História, o trabalho passou a ter a história da cidade como ponto de partida. Em Ciências, o foco foi a qualidade de vida e a saúde, as Artes, Português e Filosofia sensibilizaram os alunos com atividades voltadas para um olhar mais observador e crítico, e assim pouco a pouco todos se envolveram. O convite para apresentar o projeto em Hannover trouxe um grande incentivo para a continuidade dos trabalhos que estávamos realizando. Os estudos tornaram-se sistemáticos e efetivos junto ao Instituto de Geociências da UFRGS, e passamos a receber professores visitantes de outras universidades com o objetivo de conhecer o trabalho que se desenvolvia de forma tão inusitada e eficaz. Em Hannover, conheci a secretária do Meio Ambiente da cidade e tive a oportunidade de visitar um centro de Educação Ambiental, assim voltei com novas ideias para dar continuidade ao trabalho.

Em 2001, fui motivada a me inscrever no concurso Professor Nota 10 da Fundação Vitor Civita e ganhei o prêmio. Entre os trabalhos então premiados, este é o único que ainda permanece crescendo a cada dia. Em 2005, recebi os prêmios “Atitude Social” da RBS (rede de comunicação afiliada às Organizações Globo), com votação popular, “Prêmio Direitos Humanos”, da Unesco, e “Melhores Mulheres do Rio Grande do Sul” na categoria Meio Ambiente e Ecologia.

O trabalho no LIAU se expandiu de tal forma, que as questões sociais passaram a ser trabalhadas integradas às ambientais, e novos valores foram construídos com os alunos como respeito às diferenças, tolerância, honestidade, amizade e união. O LIAU passou a ser referência para outros municípios. Em setembro de 2011, recebemos 80 diretores e supervisores do município de Novo Hamburgo com o objetivo de conhecerem o trabalho e a atuação dos monitores na escola. Outro acontecimento marcante ocorreu também em outubro de 2011, quando

recebemos um convite do pró-reitor da Propesc (UFRGS) para que todo LIAU fosse exposto em uma carreta-palco com destaque no Salão de Iniciação Científica da UFRGS. Diferentes comunidades da cidade tiveram, assim, a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido no LIAU da Escola Judith. A exemplo deste LIAU, hoje já temos mais de 30 LIAUs sendo implantados em diferentes escolas da Rede Municipal de Porto Alegre.

Revista *Perspectiva*: Há outra questão que você gostaria de abordar ou dizer aos leitores deste dossiê de Educação Ambiental da Revista *Perspectiva*?

Cleonice: A construção e a vivência de valores no grupo Amigos do Planeta Verde têm colaborado para a melhora da autoestima dos alunos, que passam a ter maior interesse pelo estudo, atitudes e escolhas positivas. A vivência cooperativa e harmoniosa no grupo colabora no afastamento de ambientes violentos, que prejudicam a formação do jovem.

Atualmente, temos doutorandos da PUC e estudantes da Geologia da UFRGS pesquisando no LIAU com os alunos, possibilitando assim uma integração de diferentes comunidades, estudos e conhecimentos, sem o que isso não seria possível, devido aos muros invisíveis que temos nas cidades atualmente. A cada ano, formamos novos grupos de alunos monitores, muitos nos dão retorno, quando já saídos da escola, da importância que a participação no grupo teve em suas vidas. Hoje, se sabe que o trabalho desenvolvido no LIAU abriu novos horizontes e oportunidades aos que dele participaram. Já temos alunos formados em Biologia, Geografia e cursando Engenharia Química, Pedagogia e Geologia, o que não era comum antes da implantação do LIAU, uma vez que a escola se encontra num contexto desfavorecido socialmente.

Acredito que esse trabalho tem feito a diferença na vida de muitos jovens por abrir novos horizontes, novas percepções de si mesmo e de seu entorno no sentido de sua valorização e oportunidades de aprendizado. Assim, tornam-se cidadãos atuantes em sua comunidade.

Notas

- 1 Entrevista realizada por *e-mail* pelo Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Leandro Belinaso Guimarães, em outubro de 2011.